

## **A COR DA DEVOÇÃO RELIGIOSA:** presença negra nas irmandades católicas de São Luís do Maranhão

*Luís Oliveira Freitas<sup>1</sup>*

### RESUMO

No passado, as irmandades religiosas representaram estratégias importantes que o laicato encontrou para melhor participar da vida eclesial. Elas têm sua origem na época medieval europeia e, no Brasil, foram bastante cultivadas nos períodos colonial e imperial, entrando em decadência após o regime republicano quando houve a separação oficial entre Igreja e Estado, além da implantação da romanização no catolicismo brasileiro. Não podemos esquecer que os negros foram escravizados e junto com este processo houve também alguma preocupação da Igreja em torná-los cristianizados e as irmandades religiosas negras consistiram numa das formas de participação concreta desse povo nas atividades eclesiásticas. Neste trabalho, apresentaremos aspectos importantes dessas irmandades no contexto do catolicismo popular de São Luís do Maranhão, sobretudo, no que se refere à participação dos negros nessas confrarias.

Palavras-chave: Catolicismo popular. Devoção. Irmandades. Negro.

### **1 INTRODUÇÃO**

O *Documento de Aparecida* (2007), fruto da última conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano, faz uma breve abordagem sobre a piedade popular apresentando-a como uma importante expressão da fé católica do povo da América Latina e do Caribe. O documento afirma que entre essas práticas populares, podemos observar, ainda nos tempos atuais, as festas,

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras, professor do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão - IESMA.

novenas, rosários, procissões, danças, devoção aos santos, promessas além de outras (CELAM, 2007). No Brasil, as expressões do catolicismo popular já foram fruto de muitas pesquisas realizadas nos âmbitos teológico e sociológicos, com o objetivo de apresentar uma melhor compreensão no que se refere à sua origem e à sua importância no contexto eclesial e social.

Ao olharmos a história brasileira, seja no aspecto social ou eclesiástico, constatamos que as práticas populares do catolicismo estão presentes no nosso país desde o período colonial, pois ser católico, no Brasil, consistia numa condição indispensável para o exercício da cidadania, a ponto de se excluir do convívio social quem não se denominasse praticante desse credo religioso. Nesse sentido, a Igreja Católica atingiu praticamente todo o povo brasileiro, de todas as classes sociais e regiões. O povo negro, que foi tirado do continente africano para vir às terras brasileiras na condição de escravizado, também foi obrigado a adotar essa fé religiosa por meio da imposição do batismo cristão e das práticas rituais e morais pregadas e praticadas pela Igreja. Entretanto, a própria história registra que os negros não tinham o mesmo status que o branco, e, por isso, teve que criar estratégias para poderem praticar o credo católico, tanto no que diz respeito ao aspecto ritual quanto social.

É a partir desse contexto que traçaremos breve comentário sobre as irmandades católicas como práticas religiosas do povo brasileiro, sobretudo, nos períodos colonial e imperial. Tais irmandades eram voltadas para congregar os católicos que não faziam parte do ministério clerical, ou seja, os leigos, que desejavam participar de uma forma mais intensa da vida da igreja. Assim, todos eram incentivados a

fazer parte de uma confraria e, nesse sentido, as irmandades também foram uma forma que o negro escravo ou liberto, diante da proibição de praticar seu culto ancestral, encontrou para melhor expressar sua fé religiosa, além de também adquirir um certo status na sociedade brasileira. E como, muitas vezes, foi impedido de se congregar nas irmandades brancas, a população negra acabou fundando suas próprias associações religiosas.

## **2 AS IRMANDADES NO CONTEXTO DO CATOLICISMO LUSO-BRASILEIRO**

Observando a prática religiosa do brasileiro, percebemos que se trata de um povo que ainda cultiva forte religiosidade, sobretudo, no que diz respeito aos costumes e devoções populares do catolicismo. Podemos afirmar que tais práticas foram de suma importância para a constituição da identidade coletiva brasileira. Além disso, o Brasil hoje ainda é tido como a maior nação católica do mundo em quantidade de pessoas batizadas. Isso se deu devido ao fato de o catolicismo ter sido a única religião oficialmente admitida no Brasil até a proclamação da República, quando houve a separação entre Igreja e Estado, embora a Constituição do Império<sup>2</sup>, já tenha admitido certa tolerância religiosa. O sociólogo Pedro de Oliveira (1978) comenta sobre a existência de dois catolicismos ao longo da história eclesiástica brasileira: o antigo

<sup>2</sup>A Constituição Política do Império do Brasil, outorgada pelo imperador Dom Pedro II, em 25 de março de 1824, foi a primeira Carta Magna do país. Segundo esse documento oficial, no seu artigo 5: "A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo" (grafia original).

catolicismo luso-brasileiro dos períodos colonial e imperial e o catolicismo romanizado, implantado pelos bispos reformadores a partir da segunda metade do século XIX.

Vale esclarecermos que o catolicismo tradicional luso-brasileiro não era clericalizado, mas marcadamente leigo, pois era constituído e administrado pelo laicato. O próprio povo zelava pelas festas religiosas, como novenas e procissões, cuidava dos altares, oratórios, ermidas, templos, santuários, associações de caridade e cultivava forte devoção aos santos católicos. Já o catolicismo romanizado representou num forte movimento dos bispos reformadores cujo objetivo consistiu em substituir as práticas católicas luso-brasileiras por outras que estivessem de acordo com o modelo eclesiástico universalista romano.

É importante que saibamos o que significa exatamente a expressão catolicismo popular. Suess (1979, p. 26) afirma que:

[...] a noção 'catolicismo popular' deve ser pensada como membro médio da série seguinte: Igreja Católica – catolicismo popular – religiosidade popular, partindo da identidade entre Igreja Católica e catolicismo no Brasil.

Nesse sentido, entendemos que se tratam das manifestações da vida de um povo tendo como sistema de referência a própria instituição eclesial, num contexto histórico e social bem específico.

Devemos ter presente que a formação das práticas populares católicas no Brasil tem sua origem no período do Brasil Colônia. Neste contexto, Oliveira (1978) chama essas práticas religiosas de catolicismo luso-brasileiro.

De acordo com o pesquisador, originalmente, tal sistema religioso apresenta três aspectos fundamentais. O primeiro refere-se ao regime de padroado, fruto do acordo entre a Santa Sé e o Império lusitano, que torna a igreja totalmente dependente do Governo Imperial, tanto no sustento do clero, como na manutenção das atividades propriamente eclesiásticas. O segundo aspecto é a forte presença das Ordens Religiosas tradicionais, como jesuítas, franciscanos, beneditinos, carmelitas e mercedários, que, devido à existência de algumas crises internas, não estavam abertas a uma pastoral reformada. O terceiro diz respeito ao clero secular da época que se encontrava num estado deplorável, sob o ponto de vista eclesiástico, com práticas do concubinato, da simonia e de atividades que rendiam lucro.

Uma das características importantes do catolicismo tradicional luso-brasileiro consiste na existência das associações leigas, que foram significativas, sobretudo, nos séculos XVIII e XIX. Dentre tais associações, destacamos duas: as ordens terceiras e as irmandades. As ordens terceiras eram vinculadas às ordens religiosas tradicionais medievais, principalmente, franciscanos, carmelitas e as organizações jesuíticas para leigos, ou seja, eram grupos próprios do laicato vinculados a uma Ordem Primeira. Enquanto isso, as irmandades derivam das antigas corporações de artes e ofícios também do período medieval europeu e tinham como objetivo principal congregar certo número de fiéis em torno da devoção a um santo escolhido como padroeiro.

De acordo com Oliveira (1978), as irmandades e confrarias do catolicismo luso-brasileiro apresentam três características básicas. A primeira

delas refere-se à sua direção ou diretoria que se encontrava sob a gestão dos leigos, cabendo a eles o poder de deliberar e decidir todas as atividades da irmandade. Nesse contexto, ao clérigo ou capelão cabia apenas a atribuição religiosa, como celebrar a missa e encomendar as almas dos defuntos. A segunda característica diz respeito ao fato de que cada irmandade se constituía como entidade autônoma e isolada, ou seja, não havia uma confederação de irmandades, nem mesmo entre aquelas que cultivavam a devoção ao mesmo santo. Já a terceira consiste na atribuição que cada irmandade tinha para organizar brilhantemente as cerimônias religiosas como a ornamentação da imagem do santo padroeiro, organização dos fiéis, animação da procissão com banda de música e cânticos apropriados. Assim, observamos que a organização e administração da vida religiosa estava sob a responsabilidade laical, enquanto que ao sacerdote cabia apenas à realização dos ritos como distribuição dos sacramentos, celebração da missa, realização das bênçãos e direção dos funerais (OLIVEIRA, 1978).

É importante entendermos a origem das irmandades, uma vez que antes de serem implantadas no Brasil, foram bastante valorizadas e incentivadas na Europa. Segundo Mota (2012), as irmandades remontam ao século XII, no contexto europeu da Idade Média. Começaram a existir em terras lusitanas no século XIV e foram trazidas para o Brasil a partir do século XVII. Além de terem a finalidade de cultivar fortemente a devoção a um santo, por meio da construção e do cuidado das ermidas e capelas, também promoveram ajuda à alguma instituição de caridade, e se preocupavam em conceder o enterro digno de seus membros. Por isso, podemos afirmar

que elas foram de grande importância no contexto da sociedade da época, pois além de cultivar a fé religiosa dos seus associados também contribuía no serviço da caridade social, como as santas Casas de Misericórdia. Para ajudar os mais humildes.

A maioria das irmandades eram erigidas especialmente por brancos e ricos. Os negros, na maioria das vezes, por não terem condições para se associarem em irmandades 'brancas', ou por não serem aceitos nelas devido à sua condição racial e social, procuraram fundar suas próprias irmandades.

Isso foi possível devido à forte tradição cristã ibérica, que não impedia a participação dos escravos e alforriados nas associações religiosas. As associações negras cumpriam as mesmas finalidades das outras irmandades da época, além de terem a missão de conseguir cartas de alforria para seus membros que ainda viviam na condição de escravizado. É importante destacarmos que o pertencimento a uma irmandade dava aos negros um certo status, pois naquele espaço era de fato considerado uma pessoa e não peça.

Ressaltamos também que o negro, mesmo na condição de ser humano escravizado, deveria ser incorporado à religião oficial do Império português, pois no momento de seu embarque no navio negreiro ou ao chegar às terras brasileiros, ele recebia o batismo cristão e era obrigado a professar a fé católica. No entanto, ele não tinha o mesmo status religioso que o branco possuía, pois nem sequer havia passado por um processo de evangelização e catequese. A distinção entre católicos brancos e católicos negros se dava até mesmo na arquitetura das igrejas e, nesse sentido, Roger Bastide (1989) comenta que, em geral, os templos católicos brasileiros foram construídos em duas partes separadas, o pórtico e a nave. Segundo o teórico:

À família do branco se reservavam os bancos da nave, enquanto os escravos permaneciam fora, assistindo à missa do pórtico através das portas abertas. Por conseguinte, o africano estava ao mesmo tempo unido e separado, participava da religião do seu amo, embora dela participando como um ser inferior; a arquitetura se modelava na hierarquia das cores. (BASTIDE, 1989, p. 158).

Além disso, Bastide (1989) também pontua que, nesse contexto histórico, praticamente não havia pregadores negros no Brasil, como havia nas igrejas protestantes, dos Estados Unidos. Tal fato se deu nas terras brasílicas porque os negros, mesmo aqueles que já viviam na condição de libertos e alforriados, não eram aceitos como clérigos nas ordens eclesiásticas.

Quando se via um padre negro ou mestiço no Brasil, era possível logo perceber que se tratava de um cabo-verdiano ou de um angolano. Só em períodos posteriores, houve a aceitação de mulatos no clero católico, isto porque na condição de mestiço, ele já não era mais considerado negro, mas praticamente um membro inserido na sociedade do grupo embranquecido.

Vale ressaltarmos que, embora o catolicismo tenha sido uma instituição religiosa a serviço do Império lusitano, controlando fortemente a vida dos escravos com a imposição de uma disciplina rigorosa, sobretudo, nas fazendas, o povo negro acabou assimilando várias práticas católicas como o culto aos santos, com suas novenas e procissões, que ocorriam na igreja e também no espaço doméstico da casa-grande. Desse modo, pontuamos que, apesar da falta

de formação religiosa dos escravizados, nesse contexto social e religioso luso-brasileiro, surgiu também um catolicismo popular negro, bastante evidente na nossa história. Segundo Bastide (1989), há notícia de festas de São Benedito, o santo preto, e de Nossa Senhora do Rosário (principais patronos dos negros) em capelas de engenhos, em 1711, embora a veneração de São Benedito, o preto, tenha sido permitida pela igreja somente no ano de 1743 e sua canonização tenha ocorrido só em 1807.

A devoção católica popular negra foi algo inevitável da história eclesiástica brasileira. De acordo com Riolando Azzi (1878), o catolicismo luso-brasileiro, por ser conduzido pelos leigos, apresentava uma grande abertura para a assimilação dos elementos de outras tradições religiosas, especialmente, as de matrizes africana e indígena. Tal fato gerou um certo sincretismo que ocorreu com a fusão de elementos culturais e religiosos diferentes num só elemento, embora seja possível a verificação de alguns traços originários dos devidos sistemas religiosos que se mantêm perceptíveis. Sérgio Ferretti (2012) comenta que o sincretismo está praticamente presente em todas as culturas e religiões, mas em algumas ele se torna mais evidente, como é o caso do catolicismo popular brasileiro e as religiões afro-brasileiras.

Para melhor vivenciarem a prática religiosa do catolicismo da época, os negros, impedidos de participar das irmandades dos brancos, fundaram irmandades próprias, separadas segundo a cor da pele e a condição de escravo ou liberto. Foram criadas várias irmandades, como a de Nossa Senhora do Rosário, a Confraria do Senhor da Redenção, a Ordem Terceira do Rosário, a Ordem do Senhor da Cruz. Dessa forma,

tentavam conseguir espaço na Igreja Católica, e elevar-se na sociedade em que eram marginalizados. Isso serviu para a formação da consciência da raça negra, a transmissão das tradições africanas e no surgimento do sincretismo afro-católico. Verificamos que as práticas católicas dos negros foram vivenciadas praticamente em todas as regiões do país, de modo particular, onde houve maior concentração do povo negro, como, por exemplo, Salvador, Rio de Janeiro, Recife e São Luís do Maranhão.

### **3 IRMANDADES CATÓLICAS NEGRAS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO**

Em São Luís do Maranhão, as práticas do catolicismo popular luso-brasileiro não eram diferentes das que ocorriam em outras cidades brasileiras da época. Maria de Lourdes Lacroix (2012) atesta que, na cidade ludovicense, além das grandes festas que igreja realizava na Semana Santa com seus ritos próprios, havia muitas novenas, devoção aos santos, rezas, orações e promessas. Maria era invocada sob vários atributos, os santos eram especializados em proteções diversas, o fiel católico vivia de orações a pleitear seus desejos, até os mais bizarros. A historiadora constata também a existência de festas religiosas notáveis como a de São Benedito, Santo Antônio, Santa Efigênia, Santa Filomena, Santa Severa, Nossa Senhora dos Remédios, além de outras. Nessas festas, havia procissão solene, juntamente com missas, ladainhas e cânticos apropriados para a banda de música especialmente para aquela festa. Além disso, Coe (2007) pontua que as missas organizadas pelas irmandades ludovicenses eram celebradas com muita pompa, acompanhadas de

orquestra e do barulho dos fogos de artifícios.

Na capital maranhense, embora os documentos atestam a existência de irmandades desde o século XVII, foi, principalmente a partir do século XIX, que elas se formaram nesse contexto. A formação dessas associações levava em conta o prestígio socioeconômico e a cor da pele dos seus membros<sup>3</sup>. De acordo com Lacroix (2012), as irmandades para terem reconhecimento, estavam condicionadas à análise e à aprovação das autoridades eclesiásticas. Havia irmandades com templos próprios ou cedidos e havia aquelas que possuíam apenas altares laterais e, conseqüentemente, também ocupavam posição secundária.

Assim como em outros lugares do Brasil, havia, no contexto maranhense, irmandades da elite branca que não admitiam a participação dos negros e também irmandades constituídas majoritariamente por negros. Além disso, constatamos um terceiro tipo, ou seja, irmandades que permitiam o acesso de pessoas sem diferença de cor.

Podemos citar as principais irmandades ludovicenses das quais os negros podiam fazer parte: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, fundada em 1851; a Irmandade do Bom Jesus da Cana Verde, de 1852; a Irmandade de Santa Efigênia, de 1855; a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Viagem, em 1862; a Irmandade do Bom Jesus da Coluna, de 1866; e ainda a Irmandade do Santíssimo Sacramento,

---

<sup>3</sup>Lacroix (2012) também chama à atenção para aspectos dos templos religiosos da época. Ela afirma que as igrejas dos brancos eram suntuosas, construídas em locais privilegiados, enquanto que as dos negros e pardos eram erigidas ou frequentadas em locais menos privilegiado e com menor visibilidade no panorama urbano. E Agostinho Coe (2007) atesta que todas as irmandades, sejam de brancos ou de negros, tinham como objetivo a construção de templos pomposos.

de 1851, em que havia a participação de negros e brancos. Ferretti (1995) ressalta que a Irmandade de São Benedito ocupava uma capela na Igreja de Santo Antônio, ao lado do seminário, até meados da década de 1940. E Lacroix (2012) pontua que, embora a irmandade tivesse como orago o santo negro, era constituída de brancos da elite ludovicense que desenvolviam ações concretas em relação à causa libertária. E não raro, por ocasião da festa de São Benedito, muitos escravos menores de idade se tornavam livres.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, com sede na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, era composta de negros católicos escravos e alforriados, que viam na sua devoção à Senhora do Rosário, um auxílio e defesa na vida e na lida. A irmandade era financiada pelos associados, por meio das taxas de inscrições, anuidades e esmolas deixadas em testamento pelos seus membros. Os associados poderiam ser pessoas de ambos os sexos de costumes honestos, mas sendo escravas, deveriam apresentar licença por escrito do seu senhor.

Lacroix (2012) ressalta que tal permissão era exigida porque, em muitos casos, as taxas eram pagas pelo senhor. A historiadora também lembra que essa irmandade permitia, por questões de conveniência, a entrada de brancos alfabetizados, em número limitado.

A irmandade mencionada recolhia fundos que eram destinados, sobretudo, para a dedicação da festa da Senhora do Rosário, pois as festas organizadas pelas irmandades da época eram bem preparadas pelos seus membros que sempre queriam fazer sua festa melhor que a dos outros. Na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, após os ritos católicos, muitos aproveitavam para, no largo, unir o sagrado ao profano, com comidas, bebidas e danças. O dinheiro arrecadado era utilizado

para construção, reforma e manutenção da igreja, compra de imagens de santos, como também para doações a hospitais, asilos, cemitérios além de outros.

Lacroix (2012) afirma que as irmandades favoreciam aos negros uma maior integração na sociedade da época, mas também contribuíam para a diminuição das revoltas coletivas. Além disso, os negros encontravam nas irmandades a certeza de serem bem assistidos na hora de sua morte<sup>4</sup>, como também podiam manifestar a sua devoção nos santos católicos, em especial na Senhora do Rosário dos Pretos que acolhia a todos com boa vontade a quem procurava o seu auxílio e proteção. A fé assegurava ao povo negro discriminado pela sociedade a certeza de ter um 'pedaço do céu', que, muitas vezes, era destinado somente aos brancos favorecidos socialmente.

Com a romanização da Igreja Católica, a partir da segunda metade do século XIX e acentuada no século XX, as irmandades foram, aos poucos, sendo substituídas por outras devoções, e assim elas perderam suas forças, embora algumas persistem até a atualidade. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário foi extinta na primeira metade do século XX e, com isso, a Igreja Nossa Senhora do Rosário, por não ter quem zelasse por ela, ficou em ruínas. Diante dessa situação, em 1947, o arcebispo de São Luís, dom Adalberto Sobral, transferiu a Irmandade de São Benedito, da Igreja de Santo Antônio, para a Igreja do Rosário, com o pretexto de tirar as festas feitas pela irmandade em frente ao seminário, para proteger os

---

<sup>4</sup> Além de ser assistido na hora da morte com todos os rituais ministrados pela igreja, era também por meio da participação nas irmandades, que o negro tinha a garantia de um enterro digno em locais apropriados, como em jazigos dentro do próprio templo ou nos cemitérios.

seminaristas do barulho e das tentações nos largos<sup>5</sup>. As festas dessa irmandade eram cheias de pompas, foguetes, cantos, badalos dos sinos, uma bela procissão com vários andores de santos, sendo que o principal deles era o de São Benedito, que dava abertura à procissão.

O traslado do santo preto para a Igreja do Rosário aconteceu no segundo domingo de agosto do ano já citado. A partir de então, a Irmandade de São Benedito, além de zelar pela igreja e manter a memória histórica da mesma, também promove a festa de São Benedito e da Virgem do Rosário, no segundo domingo de agosto, numa festa que é considerada dos negros. Ferretti (1995) ressalta que a festa de São Benedito, antes de 1947, acontecia nos meses de março ou abril, muitas vezes, durante a Quaresma, em um período que chovia bastante no Maranhão. Atualmente o festejo do santo orago padroeiro é constituída por novenas, terços, missas, procissões, tambores contando com a participação do povo, de modo especial, do povo negro.

A procissão de São Benedito realiza-se, no segundo domingo de agosto, à tarde, por volta das 16 horas, e percorre várias ruas do centro da cidade. Pessoas de todas as classes e grupos sociais participam dessa procissão. Vários devotos aproveitam para pagar promessas, andando descalças ou carregando vela grande e até pedra na cabeça. Muitas crianças se vestem como o santo ou como anjos para acompanhar

---

<sup>5</sup>Ferretti (1995) comenta que correu um boato em São Luis que após a saída da festa de São Benedito da Igreja de Santo Antônio, a referida igreja quase acabou, já que os padres lazaristas que tomavam conta dela foram embora, o seminário fechou, os sinos da igreja racharam e o casarão do seminário foi reformado para outras funções. No entanto, não há uma crença de que se trata da vingança do santo, mas de algo que pode acontecer. Ressaltamos, porém, que posteriormente, o casarão voltou novamente a ser seminário por algum tempo, até hospedou Sua Santidade o Papa João Paulo II, mas a igreja se encontra atualmente num estado bem delicado, tanto no aspecto físico como na participação dos fiéis.

a procissão. Ferretti (1995) comenta que sempre há nessa procissão muita gente de terreiro acompanhando o cortejo. É importante ressaltar que é também nesse mesmo dia que os terreiros de Tambor de Mina da capital maranhense, além de realizar seu culto ao santo negro, também prestam sua homenagem à *Averequete*<sup>6</sup>, entidade espiritual africana bastante popular no Maranhão, que, segundo os praticantes do culto afro maranhense, adora São Benedito. Por isso, é bastante comum, nesse dia, ter também a apresentação do Tambor de Crioula, pois, segundo a tradição negra, tanto *Averequete* como São Benedito apreciam bastante essa dança.

A Irmandade de São Benedito ainda sobrevive e, atualmente, chama-se Associação de São Benedito. Continua com a missão de manter vivas as tradicionais festas e também a manutenção do templo. Atualmente, a associação passa por dificuldades financeiras, pois conta somente com os dízimos de acordo com a contribuição de cada um. Além dessa dificuldade, há o descompromisso de alguns associados como também a falta de padres que estejam atuando mais ativamente frente à igreja.

Mota (2012) comenta que outras irmandades ludovicenses também resistem ao tempo, como a do Bom Jesus da Cana Verde e a do Bom Jesus da Coluna, embora tais associações não possuam mais a importância social e religiosa que tiveram no passado. Essas irmandades atualmente se tornam visíveis

---

<sup>6</sup>Segundo Ferretti (1995), '*Averequete*' ou simplesmente '*Verequete*' é um vodum nagô, da família de *Quevioçô*, juntamente com *Badé* (o trovão) e *Sobô* (o raio). Na Casa das Minas, *Averequete* é um vodum jovem que anda sempre com sua irmã *Abê*, pois são os filhos mais jovens da família e os únicos dessa família que falam, já que os outros são mudos. Além disso, são considerados voduns toquenos, ou mais novos, que representam os mais velhos e vêm na frente, abrindo o caminho.

apenas na organização das festas dos santos, sobretudo, por ocasião das procissões tradicionais que ocorrem na Quaresma e Semana Santa, no Centro de São Luís.

#### **4 CONCLUSÃO**

Assim, observamos que as irmandades católicas, de modo geral, foram estratégias bastante importantes para o contexto religioso e social dos períodos colonial e imperial, entrando em decadência a partir da Proclamação da República. Atualmente, podemos afirmar que esse catolicismo popular com suas expressões, embora não esteja em pleno acordo com a teologia eclesial oficial, foi imprescindível para manter a fé do povo brasileiro, pois cultivou nele alguns princípios evangélicos, como devoção, vida fraterna, espírito festivo, prática da caridade como também contribuir na formação cultural do país.

Mota (2012) pontua que as irmandades negras representaram grande ajuda à população de origem africana, além de também se constituírem como espaços de inserção social e dar sua contribuição na formação de uma identidade substituta. Por meio delas, a população negra que praticamente não possuía bens materiais e nem prestígio social, via nessas irmandades um conforto espiritual tanto ao longo da vida, com sua devoção aos santos, como até mesmo após a morte com a garantia de um sepultamento digno.

Nesse sentido, podemos reafirmar que as irmandades negras contribuíram bastante para a incorporação do negro na sociedade brasileira. Diante da situação precária em que eles se encontravam, as irmandades foram espaços significativos de resistência.

Por meio da devoção ao santo e das práticas caritativas que realizavam, os negros ocuparam importantes espaços sociais até então reservados somente aos brancos, além de também preservarem muitas tradições culturais afro-brasileiras, inclusive a manutenção de expressões religiosas de matriz africana.

Acreditamos que, além delas terem tido uma importância significativa para a participação negra no passado, também podem servir de inspiração para uma pastoral afro-brasileira e para a construção e afirmação da identidade negra no momento presente. Não que nos dias atuais se vá reproduzir os mesmos paradigmas utilizados no passado, visto que muitos deles acabaram se tornando obsoletos, mas buscar a sua essência e atualizá-la para o momento presente a partir dos desafios que encontramos hoje na ação evangelizadora da igreja. Não basta apenas inserir o afrodescendente no contexto eclesial, é preciso tornar a igreja um espaço acolhedor para a população negra e suas expressões culturais.

**THE COLOR OF RELIGIOUS DEVOTION:** the black presence in Catholic brotherhoods of São Luís – Maranhão

ABSTRACT

In the past, religious brotherhoods were important strategies that the laity found to better participate in the church's life. They have their origin in the European medieval times and in Brazil were quite grown in colonial and imperial periods, going into decline after the republican regime when there was the official separation of church and state, besides the implementation of Romanization in Brazilian Catholicism. We can not forget that blacks were enslaved and along with this process there was also some Church's concern in making them Christianized and black religious brotherhoods consisted of the types of concrete participation of these people in the church activities. In this paper, we present important aspects of these brotherhoods in the context of popular Catholicism in São Luís, Maranhão, especially as regards the participation of blacks in these brotherhoods.

Key words: Popularcatholicism. Devotion. Brotherhoods. Black.

**REFERÊNCIAS**

AZZI, Riolando. Formação histórica do catolicismo popular brasileiro. In: SANTOS, B. Beni et al. **A religião do povo**. São Paulo: Paulinas, 1978.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1989.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

COE, Agostinho Junior Holanda. As irmandades religiosas em São Luís do Maranhão e sua missão salvacionista. **Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 4, n. 3, jul./set. 2007. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o sincretismo**. São Luís: EDUSP, 1995.

\_\_\_\_\_. Sincretismos, amálgamas e correspondências simbólicas. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva; SANTOS, Lyndon de Araújo; FERRETTI, Sérgio Figueiredo (Org.). **Missa, culto e tambor: os espaços das religiões no Brasil**. São Luís: EDUFMA, 2012.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão: corpo e alma**. São Luís: 2012.

MOTA, Antonia da Silva. Irmandades religiosas tecendo redes de solidariedade no Maranhão colônia. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva; SANTOS, Lyndon de Araújo; FERRETTI, Sérgio Figueiredo (Org.). **Missa, culto e tambor: os espaços das religiões no Brasil**. São Luís: EDUFMA, 2012.

SUESS, Paulo Guenter. **O catolicismo popular no Brasil**. Tipologia de uma religiosidade vivida. São Paulo: Loyola, 1979.